



PSICANÁLISE

Inês Catão

O bebê nasce pela boca

Voz, sujeito e clínica do autismo

2ª edição revista e ampliada

Blucher

O bebê nasce pela boca

Voz, sujeito e clínica do autismo

Inês Catão

Revisão técnica
Flávia Goulart Garcia Rosa

2ª edição revista e ampliada

O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo

© 2009 Instituto Langage

© 2025 Inês Catão

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Ariana Corrêa e Andressa Lira

Preparação de texto Alessanda de Proença

Diagramação Thais Pereira

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Maria Else Figueira Leite

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Catão, Inês

O bebê nasce pela boca : voz, sujeito e clínica do autismo / Inês Catão. – 2. ed. rev. ampl. – São Paulo : Blucher, 2025.

320 p. : il.

Revisão técnica de Flávia Goulart Garcia Rosa.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2102-9 (impresso)

ISBN 978-85-212-2099-2 (eletrônico - epub)

ISBN 978-85-212-2100-5 (eletrônico - pdf)

1. Psicanálise. 2. Autismo. 3. Transtorno do espectro autista (TEA). 4. Autismo em crianças. 5. Inconsciente (Psicologia). 6. Fundação do inconsciente. 7. Clínica psicanalítica. 8. Prática psicanalítica com crianças autistas. 8. Psicanálise e linguística. 9. Psicolinguística dos bebês. 10. Voz. 11. Psicologia do comportamento verbal. I. Título.

CDU 159.964.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2
2. Autismo CDU 616.896

Conteúdo

Prefácio à primeira edição <i>Marie Christine Laznik</i>	17
Introdução	25
Parte I Da fundação e da fundamentação do inconsciente	
1. O funcionamento pré-especular no pensamento de M. Klein e F. Dolto	33
2. Da primeira experiência de satisfação: a inscrição das primeiras marcas mnêmicas e o recalque originário	61
3. Nascimento do Outro e suas vicissitudes: construções em análise em um caso de autismo	81
Parte II Função e primazia da voz	
4. O estabelecimento do circuito pulsional: o objeto voz	135
5. A anterioridade lógica da voz	177

6. As três dimensões da voz	195
7. A pulsão invocante e o evitamento seletivo da voz	211
Parte III A voz, o corpo e a letra	
8. A gramática do inconsciente: do traço à letra e sua relação com significante	227
9. Da letra e de suas relações com a voz: o papel da voz na incorporação da linguagem	241
Conclusão	265
Só depois (<i>Après-coup</i>)	
A difícil escuta da criança autista	271
Referências	287
Apêndice A	309
Apêndice B	311
Apêndice C	315
Apêndice D	319

Prefácio à primeira edição

Bem-vindo! Enfim um livro que retraca o conjunto dos textos que podem interessar aos psicanalistas preocupados com a maneira como o sujeito se constitui desde o bebê. Inês Catão aborda, neste livro, uma dimensão pouco estudada: o papel que a voz aí desempenha. Graças a Lacan, sinto-me capaz de dialogar com as pesquisas científicas, tanto em neurociência quanto no campo dos estudos sobre o recém-nascido apresentadas aqui. E isso graças ao fato de ele ter acrescentado o olhar e a voz aos objetos pulsionais.

Mesmo se ele deixou apenas esboçada sua proposta de uma pulsão invocante, ela nos é um instrumento precioso para tomarmos, de maneira criativa, todas as descobertas que a psicolinguística dos bebês tem feito nos últimos trinta anos. Há uns dez anos, tive a oportunidade de ser iniciada seriamente a este campo e, desde então, ele não cessou de dialogar em mim com os conceitos psicanalíticos e a clínica com o *infans*.

Inês Catão levou muito a sério esta minha paixão e apresenta aqui uma descrição clara e explícita não só de todos os textos de psicolinguística que pude encontrar nesta caminhada, como de outros que me haviam escapado. Desse ponto de vista, estamos frente a um livro de

referência incontornável para aqueles que desejam partilhar esta caminhada, a meu ver, fundamental. Neste livro encontramos explicitados os poucos trabalhos de psicanalistas que se dedicaram ao estudo do objeto “voz”. E a autora salienta quanto isso é surpreendente quando nos lembramos que a voz é o instrumento do qual se serve o analista. Faço notar que, do divã, o analisando praticamente mais ouve a voz do analista do que a sua fala. Os “sim?”, “diga”, “hum?”, são primordiais na conduta da cura e da transferência. Assim como o bebê, é a prosódia aí implicada, marca do desejo do analista, que sustenta o analisando em sua caminhada.

Apesar de nos ter deixado essa herança tão fundamental, Lacan praticamente não aborda as dimensões do encontro do bebê com o outro cuidador. Penso que as pesquisas em psicolinguística do recém-nascido o teriam encantado porque provam o lugar fundamental da linguagem em seu componente musical, desde o nascimento e mesmo antes. No entanto, em seu discurso fundador sobre o assunto “Função e campo da linguagem no inconsciente”, o famoso discurso de Roma, não há lugar para o bebê. Ainda durante esse congresso de 1953, Françoise Dolto respondia por um discurso centrado nessa questão. Desse ponto de vista, ela foi uma visionária, e durante um bom tempo a única, das pesquisas que os psicolinguistas publicariam vinte anos depois.

Por que este desconhecimento em Lacan quando ele foi o primeiro analista a fazer psicanálise e linguística dialogarem? Nunca me esquecerei de um almoço em São Paulo, na casa de Boris e Regina Schnaiderman, no fim dos anos 1960, com Jakobson. Como Boris lhe explicava que éramos um grupinho que estudava psicanálise, ele respondera de imediato: “se vocês gostam de psicanálise, precisam ler meu grande amigo Jacques Lacan”. Havia uma amizade recíproca e calorosa entre eles. E, no que diz respeito à linguística, Lacan lhe fez confiança. Ora, Jakobson havia se enganado na sua avaliação sobre produções sonoras dos bebês. Ele pensava que elas não tinham nenhum valor de

comunicação e tal afirmação atrasou o estudo dessa dimensão não só no campo lacaniano como na linguística em geral.

Quem foram os primeiros a descobrir este campo na psicanálise com os bebês? Neste livro, Inês Catão nos lembra que, nos anos 1970 e 1980, alguns circunscreveram a importância particular e primordial da voz no estabelecimento do primeiro laço com o outro. Entre eles, cabe destacar os trabalhos de Piera Aulagnier com suas noções de pictograma, descritos em seu livro *A violência da interpretação* (1979), em que propõe uma abordagem metapsicológica da voz. Ela afirma haver condições de representação no bebê desde o primeiro encontro. Como Dolto, ela supõe no bebê uma organização psíquica anterior ao que Freud e Lacan haviam formulado. Ela antecipa a descoberta da protoconversaçoão ao afirmar que a mãe fala do bebê e, também, por ele.

Em 1985, em seu livro *O eu pele*, Didier Anzieu desenvolvia a importância do envelope sonoro para o recém-nascido e a ideia de espelho sonoro. Analisando e aluno de Lacan durante dez anos, Anzieu soube tirar proveito disso.

Graças à Inês, vou retomar minha leitura desses autores. Neste livro, encontramos também uma resenha cuidadosa dos artigos principais dos autores que me parecem centrais nessa área atualmente e com quem tenho tido a sorte de dialogar. Meu amigo Colwyn Trevarthen, que muito tem me ensinado na escuta das competências do recém-nascido, seu amigo Daniel Stern, que inventou o conceito de narrativa entre o bebê nos primeiros meses e o outro. E, enfim, Suzana Maielo, que tem lido as últimas pesquisas sobre vida fetal à luz de seu conhecimento de Bion.

Colwyn Trevarthen não é psicanalista, mas ensinou a muitos de nós. Stern é também professor honorário de universidade, lê psicanálise e já assinalara a importância da obra de Aulagnier para modelizar, em termos metapsicológicos, as descobertas atuais.

Foi Colwyn quem me levou a escutar a dimensão sonora entre o recém-nascido e o outro, que ele antes chamava de linguagem. Hoje,

ele rejeita esse termo e prefere “musicalidade”. Isso por duas razões. Primeiro, porque de fato a música é central nessa história entre eles, como os trabalhos de Alain Didier-Weill, psicanalista pioneiro nesse campo, já apontavam. Tanto que, para introduzir a pulsão invocante, Lacan o convida a falar em seu Seminário.

Neste livro, Inês nos convida a uma travessia dos escritos de Alain Didier-Weill sobre o assunto. A música da voz materna faz traço; é o ritmo musical que introduz o bebê na alternância presença-ausência do Outro. A primeira manifestação da instância do Outro pré-histórico – *das Ding* – é sua transmissão como ritmo musical. O significante originário é transmitido ao *infans* pelo Outro musical (voz da mãe). Como as palavras da sonata materna não são ainda portadoras de sentido, elas transmitem ao *infans* sua pura significância musical, isto é, uma estrutura sonora feita de diferenças matemáticas diacrônicas e sincrônicas. Ainda para Didier-Weil, o primeiro tempo lógico de constituição subjetiva é aquele em que o *infans* se revela apto a deixar o caos sonoro para aceder à sua dimensão musical.

Há vários anos, organizei uma mesa-redonda sobre a voz e o bebê com Alain e Trevarthen. Foi memorável! Mas voltemos a Trevarthen. Laura é um bebê de 5 semanas, que cria uma narrativa com sua mãe cujas dimensões musicais foram estudadas com base no registro sonoro. Ela levou Trevarthen a anos de pesquisa e vários artigos. Hoje, tenho sido levada a reler os registros sonoros dos bebês que atendo em seus diálogos com as mães e, também, nas sessões comigo. A microanálise desses fragmentos musicais nos ensinam muito sobre o que nos escapa por completo quando relatamos um caso de análise.

A segunda razão pela qual ele recusa hoje o termo de linguagem é política. Resolveu deixar o campo aos cognitivistas que se consagram há anos à questão da aquisição da língua. O que o interessa é a capacidade inata do bebê em buscar o outro e seu desejo. Lendo Inês Catão, fiquei sabendo que Jacques Alain Miller, em seu artigo “Jacques Lacan et la voix” (1989), critica qualquer tentativa de aproximação entre a voz e

o que ele chama linguística da entonação, pois esta se orientaria pelos efeitos de sentido produzidos pela entonação. De fato, essa dimensão é muito estudada para se entender os mecanismos da aquisição do recorte da frase, por exemplo.

O que fica muito claro neste livro é a insistência de Trevarthen em afirmar a existência no bebê de um sistema inato de comunicação, e de uma vontade de fazê-lo. Claro que isso põe, em primeiro lugar, a teoria do apoio de Freud em situação de ser revista. Neste livro, Inês lembra claramente minhas críticas a ela assim como à teoria do autoerotismo. Mas o ponto central aqui é o enfoque dado ao papel do bebê desde o início. A leitura que Trevarthen faz de todo o campo atual de pesquisas vem confirmar as afirmações já antigas de Françoise Dolto nesse sentido. Trevarthen aponta a capacidade inata e a prontidão dos bebês, desde o nascimento, para o estabelecimento de um laço afetivo com o semelhante, tomando inclusive a iniciativa. Inês Catão descreve as pesquisas de Nagy que Trevarthen me fez encontrar. Seu conceito de provocação condiz com minha leitura do terceiro tempo do circuito pulsional. Nisso, estamos os três de acordo. Tenho os filmes de bebês de algumas horas que imitam o dedo levantado do adulto que se endereça a eles. Mas o mais extraordinário é que – passado algum tempo – o bebê vem provocar o adulto para recomençar o jogo.

Neste livro, encontramos um dos mais extensos e explícitos estudos sobre a questão da pulsão. Partindo de Freud e vendo como Lacan releu a pulsão, Inês salienta o que me é tão precioso para entender o que não aparece no bebê autista: o fracasso do terceiro tempo do circuito pulsional. Ela deixa claro que se trata de uma contribuição especificamente lacaniana. A capacidade do “fazer-se” – fazer-se olhar, fazer-se escutar, fazer-se chupar e fazer-se “encher o saco” –, que é uma capacidade necessária ao psicanalista, acrescenta Lacan, graças a um jogo de palavras entre o cagar francês, *chier*, que tem também o sentido de “se encher o saco”, deixar-se aborrecer. Essa forma particular que Lacan salienta e chama de “via mediana” difere, pois, da forma freudiana

da passivação pulsional. Eis o que não encontramos nos filmes dos bebês que se tornaram autistas. Claro está que a pulsão invocante não se estabelece, mas, a meu ver, a pulsão oral também não. Eles não se fazem chupar o pezinho, por exemplo. E quando no trabalho com o analista e a mãe isso acaba ocorrendo, transforma todo o panorama.

Inês Catão faz uma retrospectiva histórica de outros conceitos lacanianos importantes. Para alguém que começa a se interessar por Lacan, pode ser uma boa introdução. É possível dizer que há, nesta obra, uma dimensão enciclopédica que abrange, pois, aspectos diferentes do saber em torno da questão do *infans*. Antes de comentar seu aporte sobre as neurociências em relação ao autismo, cabe ressaltar uma primeira divergência com a autora. Trata-se da questão do conceito de grande Outro em Lacan. Até agora, limitei-me a escrever outro, com minúscula, cada vez que fiz referência ao adulto que entra em relação com o bebê. Isso é proposital. Inês Catão fala de um papel de grande Outro que o cuidador deve desempenhar. Sei que Laznik escreveu isso em artigos passados. Mas mudei! Em função de minha clínica com bebês em autismo, tive de recorrer a uma outra leitura desse conceito na obra de Lacan. Trata-se do último Lacan, que não é fácil de ser apreendido. Após seu interesse por Peirce e por Frege, o conceito muda. Ninguém mais ocupa esse lugar. Trata-se de uma função, no sentido de uma resultante de campos de ação, como em física.

Dizer que, em Lacan, o Outro passa a ser uma função e não mais um lugar tem consequências éticas e clínicas. Isso quer dizer que algo vai ocorrer entre o outro e o protossujeito, cuja resultante vai ser o aparecimento, ou não, dessa resultante: o grande Outro. O papel do bebê passa a ser bem mais preponderante.

Por mais que a psicanálise tenha evoluído nos últimos anos e saído da posição absurda de culpabilização dos pais pelo autismo dos filhos, algo persiste na atribuição, a meu ver, excessiva, de um papel preponderante à mãe. Claro está que o adulto parece o único capacitado a preencher o papel de próximo socorredor, como o chamava Freud,

capaz de dar a resposta específica, apta a fazer baixar a excitação interna no *infans*, cujo estado de desarvoramento é incontestável. Mas não é disso que se trata na *função Outro*. A meu ver, ela inscreve a entrada do bebê no campo da alienação, outro assunto bem descrito no livro. Mas, para isso, é preciso que o bebê tenha a experiência de haver conseguido enganchar o gozo do outro materno. Caso isso ocorra, há função grande Outro em jogo.

A prosódia manhês, que Inês descreve claramente, poderia ser uma medida dessa função. Com uma condição: não nos esqueçamos de que as pesquisas atuais mostram a que ponto ela é tributária do desempenho do bebê. Se um estranho pode produzi-la diante de um bebê com autismo, é porque ainda não foi corrompido pela não resposta deste.

A esse ponto, voltemos ao livro e à pergunta judiciosa de Inês Catão: por que certos bebês não agem como os outros? Por que eles não provocam, não se fazem “comer”, não se fazem escutar? Uma coisa é patente nos filmes dos bebês que se tornaram autistas: eles nasceram assim.

Se são sensíveis à voz de sereia da prosódia manhês e se isso permite um contato com eles, o que a experiência psicanalítica com esses bebês nos ensina é que eles podem de repente reagir, fechando-se a qualquer possibilidade de contato logo que um pensamento penoso é evocado no ou por aquele que se endereçava a ele. Claro que isso ocorre com a mãe, deixando-a estarecida. Mas ocorre também com o analista quando um pensamento aborrecido vem encobrir, por um instante, seu laço com o bebê. No entanto, o analista é pago para não se deixar estarecer. Nesses períodos de fechamento, fica patente que a voz e o rosto humanos são evitados.

Se eles durarem muito tempo, não há como as zonas do cérebro encarregadas de tratar essas percepções específicas, e o sulco temporal superior, no que diz respeito à voz, não sofrerem danos. O paciente de Inês Catão já possui provavelmente uma insuficiência nessa zona do cérebro e uma tendência a tratar a voz humana como um barulho

qualquer, ou bem menos até. Os barulhos, assim como a música, são tratados por uma outra zona que não se encontra afetada nas pessoas com autismo. A questão à qual não se pode responder até agora é: este problema no sulco temporal superior (STS) é inato ou adquirido?

A sensibilidade dos bebês que se tornaram autistas à prosódia do manhês, tal qual ela parece se desenhar nos filmes familiares, leva a optar pela segunda possibilidade. Mas, então, volta a eterna questão: a mãe não teria responsabilidade nisso? Penso que não. Se esses bebês nascem equipados para discriminar a voz humana (e as expressões do rosto também), eles perdem tal habilidade porque apresentam fatores de hiperpercepção acústica e visual que lhes torna a vida com o outro bem difícil. Bebês, eles discriminaríamos muito mais do que os outros e qualquer mudança subjetiva seria intolerável.

Os trabalhos apresentados neste livro sobre a vida fetal, em particular os de Suzana Maiello, apontam para novos caminhos de pesquisa. Os últimos achados em genética a respeito do autismo parecem indicar uma importância central na questão da epigênese e, portanto, do papel da vida intrauterina na forma como um mesmo genoma vai poder se expressar.

Como a epigênese ainda é intensa nos primeiros meses de vida, talvez o analista, ao intervir nesse período, pratique uma terapia genética sem saber...

Marie Christine Laznik
Psicanalista e pesquisadora
doutora em psicologia

Introdução

Entre 1891 e 1900, Freud propõe seus quatro modelos teóricos de aparato psíquico. Em *A interpretação das afasias* (1891), introduz um *aparelho de linguagem* que serve de primeiro esboço do *aparelho neurônico* do “Projeto” (1895). Em 1896, na “Carta 52” (atual Carta 112) a Fliess, propõe o terceiro modelo: o *aparelho de memória*. Por fim, em 1900, no Capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, apresenta o modelo do *aparelho psíquico*.

Em Freud, o sujeito¹ não nasce com um aparelho psíquico pronto e concluído. O bebê² humano nasce inacabado quer do ponto de vista biológico, quer do ponto de vista psíquico, razão pela qual necessita de um *próximo assegurador* que venha auxiliá-lo nesse seu estado de *desamparo primordial* (*Hilflosigkeit*). Esse Outro cuidador será uma espécie de prótese, garantindo o funcionamento que o *infans* ainda não

1 Ao longo de todo este trabalho utilizaremos o termo “sujeito”, e não pré-sujeito ou protossujeito, como querem alguns autores, mesmo em se tratando de um tempo em que o sujeito propriamente dito – sujeito do inconsciente – ainda está em vias de se constituir.

2 Doravante, utilizaremos indiferentemente os termos bebê, criança, filhote de homem, *infans*, para nos referirmos à criança pequena antes da aquisição da fala.

pode sustentar. O aparelho de linguagem, para usar os primeiros termos de Freud, também se forma aos poucos, e só poderá surgir no seio de uma pluralidade de aparelhos de linguagem (Garcia-Roza, 1993).

Mas como se instaura o funcionamento psíquico? De que maneira e quando ocorre a fundação da realidade psíquica para a criança pequena? Como se dá o passo que, partindo do ser vivo, conduz ao ser humano? Questões antigas, por certo, mas que mantêm toda a sua atualidade e importância.

Em “O Projeto” (1895), Freud delinea o funcionamento do aparelho psíquico pautado em um aparelho neurológico e propõe o modo pelo qual a criança acede ao “percebido”. Embora estivesse preocupado em estabelecer uma psicologia que fosse uma ciência natural,³ o que ele interroga, desde então, é a maneira pela qual a criança acede à estrutura da linguagem por via da percepção. Nesse texto freudiano inicial, o Outro real é representado pela quantidade (Q), que vem sempre de fora, seja do mundo exterior, seja do próprio organismo tomado como estrangeiro ao sujeito. Essa quantidade marca o início do necessário processo de simbolização, porquanto é no campo da linguagem e da fala que se estrutura a realidade psíquica do sujeito segundo a lei da materialidade do significante. A introdução no Simbólico é a condição para que o ser vivo passe a ser falante.

A primeira apreensão da realidade pelo *infans* ocorre por intermédio do semelhante (*Nebenmensch*). O *próximo assegurador* – que em geral é a mãe – serve de suporte ao primeiro grande Outro da linguagem. Essa dependência do outro (Outro)⁴ é estrutural e estruturante

3 “A intenção é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco” (Freud, 1895/1977, p. 395).

4 Escolhemos escrever de modo duplo “outro (Outro)” para nos referir ao agente dos cuidados maternos pois, muito embora se trate de apontar a necessidade de inserção do *infans* no campo da linguagem (*Outro*), isso não se dá sem o estabelecimento de

para o sujeito. Por essa razão, investigar a fundação da realidade psíquica é investigar as condições de estabelecimento do laço com o Outro primordial.

Na esteira de Freud, vários psicanalistas se dedicaram à questão da instauração do funcionamento psíquico. Muitos são os que a ela se dedicam ainda hoje. De todo modo, sem deixar de fazer referência aos autores mais atuais, as propostas clássicas de Melanie Klein e de Françoise Dolto têm aqui um lugar de destaque.

Em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933/1977), valendo-se da bela metáfora do cristal, Freud enfatiza os ensinamentos que a patologia psíquica pode trazer ao funcionamento normal.⁵

Seguindo sua indicação, escolhi ilustrar as operações de constituição do sujeito que aqui serão debatidas com fragmentos de um caso de autismo, cuja clínica, a meu ver, se apresenta como lugar teórico privilegiado para interrogar a instalação do funcionamento psíquico, pois exige resposta à questão: o que preside a incorporação do significante? O estudo do fracasso na constituição subjetiva nos ensina sobre o momento mítico de articulação do significante com o organismo.

Interrogar as operações que compõem a origem do funcionamento do ser falante, partindo dos pressupostos freudianos e de sua releitura por Lacan, é formular a questão do seguinte modo: como se sucede

um laço com um outro semelhante (*outro*) encarnado. Utilizamos também, para apontar o mesmo: Outro real, Outro primordial, Outro cuidador, Outro materno.

5 “Bem conhecemos a noção de que a patologia, tornando as coisas maiores e mais toscas, pode atrair nossa atenção para condições normais que de outro modo nos escapariam. Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atiramos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo. . . Eles, esses pacientes, afastaram-se da realidade externa, mas por essa mesma razão conhecem mais da realidade interna, psíquica, e podem revelar-nos muitas coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis” (Freud, 1933/1996, p. 77).

a captura da criança *na e pela* linguagem? De que modo ocorre a encarnação da linguagem?

O sujeito é o resultado de um pacto que se produziu num tempo pré-histórico, anterior ao recalque originário, no qual o Imaginário ainda não intervém, e em que houve um encontro entre o Real e o Simbólico, ou seja, um encontro entre o real do corpo da criança, espécie de ardósia mágica, e o que nele vem se inscrever, isto é, a ordem do significante (Didier-Weill, 1998b). Um modo de representar o estabelecimento dessa fronteira que se delimita num tempo originário mítico – já que nenhuma observação direta de bebês permite agarrá-lo – é quando esse tempo fundador *não* se produz, como nos autismos.⁶

Em Freud, abordar a articulação entre o psíquico e o somático é tratar da noção de pulsão. Lacan, em seu retorno a Freud, não apenas deu a esse conceito o destaque merecido, como acrescentou à lista freudiana de objetos pulsionais a voz e o olhar, não situáveis em nenhuma fase. Não existe uma fase vocal assim como não existe uma fase escópica. No texto freudiano, as vozes surgem como sintomatologia na paranoia, recortando a instância reguladora do sujeito – o *ideal do eu* –, que resulta da sedimentação da autoridade parental primitiva. O supereu, herdeiro vivo do complexo de Édipo, com suas funções de consciência moral (voz da consciência), auto-observação e formação de ideais, é uma instância vocal por excelência. Freud fundamenta o fato de o humano estar sujeito a ouvir vozes no *desamparo primordial do infans (Hilflosigkeit)*, que o faz depender desde sempre de um laço com o semelhante.

A voz, como objeto da pulsão, só pôde aparecer em psicanálise com o surgimento da perspectiva estruturalista. Se, quanto ao olhar,

6 Refiro-me, algumas vezes, a autismos, no plural, seguindo uma tendência de alguns autores da psicanálise, hoje. Como diz Joel Birman: “Decididamente, o autismo se realiza e se materializa no plural: autismos. Isso está fora de questão. Trata-se de uma maneira delicada e pontual de poder se referir à singularidade inquietante de cada um dos autistas” (Birman, 1997, p. 11).

Lacan deixou uma grande contribuição, no que diz respeito à *pulsão invocante* – a mais próxima da experiência do inconsciente (Lacan, 1985c) – ele deixou apenas apontamentos, indicações. Surpreendentemente, a voz é sem dúvida o objeto pulsional menos estudado no campo teórico-clínico psicanalítico, embora seja ela a solicitada no tratamento e pareça ocupar o lugar central no dispositivo analítico. Não é preciso ir muito longe para nos convencermos disso. Basta nos reportarmos à *talking cure*, expressão adotada por Freud, a fim de evidenciar a importância dada à voz do analisante assim como à do analista. Com efeito, a passagem da hipnose para a psicanálise decorre de duas outras passagens: a primeira, da sedução para o amor de transferência, e a segunda vai da importância do olhar para sua destituição, a fim de que o sujeito possa se escutar no que diz e apropriar-se de sua voz.

Não há dúvida de que o objeto pulsional, voz, é uma herança lacaniana deixada, aos que seguimos o seu ensino, por explorar. Assim, o trabalho aqui apresentado traz como questão principal o papel da voz na constituição do sujeito e na clínica do autismo, e apresenta a construção que a criança pequena empreende em direção ao Outro, bem como as vicissitudes desse caminho. Para desenvolvê-lo, serviu-me de fio condutor a seguinte hipótese: *a voz é o primeiro e principal articulador do Simbólico ao real do corpo*.

Em sua releitura de Freud, Lacan (1985c) abordou os processos de constituição subjetiva, alienação e separação, indicando que a articulação entre o campo do ser/sujeito e o campo do sentido/Outro se dá pela falta, concebida por ele como dom de amor do agente materno a seu filhote. A condição desejante do Outro primordial se organiza em torno do objeto da pulsão e agencia o enlaçamento do organismo no Simbólico. Corpo e Simbólico não apenas não se excluem como se fundam mutuamente. E o articulador das materialidades heterogêneas de que se compõem o organismo e a linguagem é a voz, um dos modos fundamentais da presença do Outro (Leite, 2002b).

A criança ouve/escuta muito antes de falar. É um ser falado que advém falante. Mas escutar não é um gesto natural. É preciso considerar o que isso implica no que concerne às modalizações da presença da voz do Outro. A criança autista, cujo emblema é o mutismo, fez com que alguns autores centralizassem sua investigação na fala. Mas, dado que a escuta se dá como condição da fala, é preciso interrogar, como indica Leite (2002b) seguindo Lacan: o que ouvem os autistas?

Optei por dividir minha investigação em três partes, ao longo das quais abordo as mesmas questões, mas buscando, a cada vez, aprofundá-las um pouco mais. O texto resultou de um raciocínio que foi sendo construído à medida de sua escrita. Por essa razão, o leitor encontrará, ao longo de sua leitura, uma certa repetição, sempre a mesma e sempre outra, dos temas tratados. Que esta possa ser para ele o que foi para mim: um modo de tentar dizer melhor as mesmas questões.

PARTE I

Da fundação e da fundamentação do inconsciente

Há uma sedução à qual praticamente nenhum ser humano escapa: a sedução dos cuidados maternos . . . A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seu cuidado proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isso é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que, afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como um substituto de um objeto sexual completo. (Freud, 1905/1977b)

1. O funcionamento pré-especular no pensamento de M. Klein e F. Dolto

Vários autores da psicanálise se interessaram pelos primórdios da estruturação psíquica, a começar pelo próprio Freud. Para ele, em função da prematuridade, do inacabamento do bebê humano ao nascer, a condição primeira de sua sobrevivência física e psíquica, absolutamente imbricadas, é o acolhimento por um Outro, que não pode ser um qualquer, nem tampouco uma instância vaga, pois é na relação, no contato com o outro (Outro), que se dá, ou não (como no autismo), o nascimento do sujeito. Esse contato não é decorrente de um aprendizado ou da pura e simples imitação do semelhante. Trata-se, antes, de um processo dialético bem mais complexo, que implica em ser capturado e deixar-se capturar por um Outro encarnado.

Várias são as questões suscitadas acerca desse momento fundador: sua datação, a participação do recém-nascido no movimento que o funda como humano, as “qualidades” necessárias ao Outro cuidador no desempenho de sua função, entre outras. Diferentes autores propuseram diferentes respostas – por vezes controversas –, o que resultou numa pluralidade de trabalhos clínicos que hoje compõem a literatura da psicanálise com crianças.

Freud, como sabemos, jamais recebeu bebês ou crianças pequenas em sua clínica. A análise da fobia de um menino de 5 anos, o Pequeno Hans (Freud, 1909/1977), foi feita por meio da escuta dos relatos de seu pai. Embora tenha pontuado o valor do brincar como modo infantil de expressão, e a possibilidade de a criança expressar seus desejos por intermédio do jogo, Freud não propôs nenhum modelo técnico de trabalho com crianças, mas deixou elementos teóricos fundamentais, como suas observações sobre o sonho infantil, as fantasias, a organização pulsional, que puderam ser utilizados por seus seguidores, com maior ou menor fidelidade ao seu legado.

A grande pioneira da psicanálise com crianças foi Hermine von Hug-Hellmuth, bastante desconhecida no meio analítico. Sua obra inspirou o trabalho de Anna Freud e Melanie Klein, e sua morte prematura e trágica, em 1924, coincide com os primeiros anos do desenvolvimento dos trabalhos dessas duas psicanalistas. Pretendo, aqui, contextualizar epistemologicamente a discussão sobre as etapas iniciais, ditas precoces, da organização psíquica, recorrendo a Melanie Klein e a Françoise Dolto, que, pela singularidade de suas propostas, me ajudaram a pensar as etapas pré-especulares da vida psíquica.

Na teorização de Melanie Klein, fica patente o que é designado como *prevalência do registro imaginário*, para fazer referência aos três registros da realidade humana, fundados por Lacan: Real, Simbólico e Imaginário (1953/1982). Em Dolto, por sua vez, evidencia-se a *prevalência do registro simbólico*. De todo modo, tanto numa quanto noutra dessas propostas fundadoras, parece não haver destaque ao *registro do Real*, registro do *nonsense*, que define o inconsciente tanto em Freud como em Lacan.

Às avessas de Klein, Lacan privilegia um trabalho na direção do não sentido radical, embora em sua estratégia clínica utilize, por vezes, o manejo do duplo sentido das palavras enunciadas e priorize a enunciação em detrimento do enunciado. Algumas de suas noções,

nomeadamente a noção de voz, servirão de ponto de partida para a abordagem do funcionamento psíquico precoce. A proposta, aqui, é enfatizar o registro do Real, visando uma direção de tratamento sustentada não pela significação, mas por um trabalho com a significância.¹

As concepções de um *supereu arcaico*, já presente no bebê, e de um *Édipo precoce* sustentaram teoricamente o trabalho clínico de Melanie Klein com crianças bem pequenas. A mãe, castradora e fálica, é a figura central, e em torno dela se dão os primeiros movimentos de organização psíquica do bebê. Essa mãe é confundida com o seio, espécie de Bem Supremo, que, no princípio, se confunde com o próprio bebê. O seio é parte da mãe que ele internaliza: é o seio “bom”, símbolo da presença do outro que acolhe e dá, mas é também o seio “mau”, ausente, que recusa. Outros dois conceitos da metapsicologia kleiniana, igualmente importantes para pensar os estádios mais precoces do desenvolvimento, são: a fase esquizoparanoide e a posição depressiva, que abordaremos adiante.

Para Françoise Dolto, o ser humano é uma fonte autônoma de desejo desde a concepção. O nascimento simboliza o desejo de assumir a si mesmo, a encarnação no corpo de um sujeito desejante, pois, em sua conceitualização, o sujeito preexiste ao nascimento. As ideias segundo as quais o bebê *escolhe* viver no seio da família em que nasce e é sensível à *palavra verdadeira* que lhe é dirigida foram algumas das concepções que balizaram sua abordagem clínica de bebês. A relação inicial estabelecida com os outros tutelares é de fundamental importância para *sedimentar* a organização psíquica iniciada intraútero. As experiências emocionais e linguageiras, vivenciadas com a mãe e o pai, viabilizam a constituição da *imagem inconsciente do corpo*, que servirá de organização psíquica de base, antes da constituição do corpo próprio com o reconhecimento da própria imagem no espelho.

1 Lacan introduz o termo significância para explicar a constituição da rede das representações inconscientes, que servem de suporte aos pensamentos inconscientes.

O momento de instauração do funcionamento psíquico *não* pode ser datado, sendo habitualmente referido como um *tempo mítico*, sobre o qual grande parte dos psicanalistas considera não caber à psicanálise especular.² M. Klein e F. Dolto, ao contrário, se propõem a pensar acerca desse tempo e, para tanto, reinterpretem conceitos freudianos, e criam novos.

Para Lacan, e também para Freud, como se sabe, a organização psíquica precoce do *infans* não pode prescindir do contato com o outro (Outro). É preciso um outro encarnado, não apenas um Outro da linguagem, tesouro dos significantes, para que um circuito pulsional possa se completar permitindo, então, que se fale de uma subjetividade em jogo na pequena criança. Antes de seu enlaçamento, a pulsão se manifesta sob “o modo de um sujeito acéfalo”, diz Lacan, em *O seminário 11* (1985c, p. 171).

Ao comentar o artigo de Freud “As pulsões e suas vicissitudes”,³ Lacan grafa várias vezes o *outro* com letra minúscula. Tratar-se-ia de um equívoco? De que outro se trata no estabelecimento do laço, de um outro real ou de um outro em que a *máquina trituradora do significante*⁴ já se encontra em pleno funcionamento? Para Laznik (1997a),

2 “A clínica psicanalítica nada tem a dizer sobre tal assunto, já que se interessa primordialmente pela possibilidade do sujeito em reinterpretar *après-coup* suas vivências passadas, sempre coloridas e distorcidas fantasmaticamente. Em psicanálise, o fator infantil encontra-se ligado a um originário que se deduz, mas não se comprova” (Zornig, 2000).

3 Optamos por manter os títulos dos artigos de Freud tal qual aparecem na ESB de 1977 que utilizamos, de modo a facilitar a busca do leitor, inclusive na versão eletrônica da obra. Já quando fazemos citações do texto propomos alterações, de modo a adequá-lo segundo as conhecidas críticas que a versão brasileira da obra de Freud recebeu.

4 Trata-se de nossa proposta de tradução para a expressão *moulinette du signifiant*, que aparece várias vezes no texto de Pommier (2002). Todas as traduções que aparecem nesta pesquisa são nossas.

o outro do circuito pulsional deve ser lido, em Lacan, como um *outro* em carne e osso.

O *infans* se caracteriza por não dispor ainda de uma articulação significante mínima, decorrendo daí sua impossibilidade de dizer o mundo que o cerca. Para dizer de sua verdade, ele terá de se apropriar das várias vozes que o habitam e que são agenciadas pelo Outro materno, descartando-se de tudo o que não seja, aí, essencial.

É a esse trabalho minucioso que o recém-nascido se dedicará no início de sua longa caminhada de apropriação da linguagem: o garimpo das sutilezas que o implicam na voz que o embala.

Melanie Klein (1882-1960) e a prevalência do imaginário

Quando é levada suficientemente longe a análise de crianças pequenas, bem como a de crianças mais velhas, dá uma imagem de uma complexidade extraordinária, [que] mostra que aos três anos de idade, por exemplo, justamente por já serem, em enorme medida, produtos da cultura, as crianças já atravessaram e continuam a atravessar graves conflitos.

Klein, 1927/1972

Melanie Klein nasceu em Viena, na Áustria, onde passou sua infância. Logo depois de seu casamento (1903), foi viver em Budapeste, na Hungria, onde nasceram seus três filhos. Na década de 1920, em virtude dos transtornos políticos e da queda do Império austro-húngaro, exilou-se em Berlim, Alemanha. Por fim, aceitando o convite de Ernest Jones, instalou-se definitivamente em Londres, Inglaterra.

Sua maior contribuição à teoria psicanalítica deriva, segundo ela própria afirmou, da técnica do brincar desenvolvida com crianças pequenas. Para Klein, embora haja um psiquismo específico da criança, a condução do tratamento dos pequenos pacientes deve ser idêntica àquela dos pacientes adultos.

Desde o início (1924), uma de suas ideias mais controversas e fundamentais foi aquela em que propunha a psicanálise com crianças como devendo ser o lugar de uma exploração psicanalítica do funcionamento psíquico *desde o nascimento*. Tal noção motivará as “Grandes Controvérsias” com Anna Freud,⁵ para quem a psicanálise com crianças deveria ser uma forma nova e melhorada de pedagogia (Roudinesco & Plon, 1997).

Mas qual é a especificidade do psiquismo das crianças pequenas? Para Klein, o fato de não existir associação verbal: a criança, diferentemente dos adultos, não pode fazer associações livres, como a regra do tratamento analítico impõe. A angústia opõe uma resistência às associações verbais, à fala condensada, metafórica. Em lugar da condensação, da associação ainda impossível, surge o brincar: “no brincar, as crianças representam simbolicamente fantasias, desejos e experiências. Para isso, empregam a linguagem, o modo de expressão arcaico, filogeneticamente adquirido, com que os sonhos nos familiarizaram” (Klein, 1926/1972, p. 172).

O brincar faz função de metáfora. E para tomá-lo como formação do inconsciente, escutá-lo como se escuta um sonho, é preciso estar atento a todos os detalhes. Assim, deve-se levar em conta o *modo* como a criança brinca, a passagem de uma brincadeira para outra, os meios que escolhe para suas representações. Klein, porém, só interpreta quando a criança expõe o mesmo material psíquico em diferentes versões: quando essas atividades estão acompanhadas de culpa, manifesta ou angústia; quando isso permite um esclarecimento sobre certos encadeamentos; ou quando o material é efeito de uma interpretação anterior. Para ela, as condições práticas e teóricas da

5 “Grandes Controvérsias” é nomeado o período de grandes embates teóricos sobre a psicanálise com crianças em torno das figuras de M. Klein e A. Freud que, em Londres (1942-1946), dividiu os analistas em kleinianos, anafreudianos e independentes. Winnicott foi um desses independentes (Roudinesco & Plon, 1997).

interpretação são as mesmas que na análise dos adultos. Não é a idade do paciente o determinante, mas a atitude, a convicção interna do analista que descobre a técnica necessária e apropriada.

O aparelho psíquico da criança pequena tem um alto nível de tensão: a angústia não pode ser administrada pela aparelhagem do eu, o princípio do prazer. As representações só avançam deslocando-se passo a passo, palavra por palavra. Constitui-se, assim, paulatinamente, o princípio do prazer, cujo efeito será o de levar o sujeito de representação em representação, de moção pulsional em moção pulsional, de objeto internalizado em objeto internalizado, visando à manutenção do nível de tensão o mais baixo possível.

O supereu arcaico

O aspecto arcaico do supereu e a constituição muito precoce da organização edipiana foram estabelecidos por Klein desde 1925, sem nunca terem recebido o aval de Freud, que apoiava incondicionalmente sua filha Anna, cuja linha de trabalho sobre a psicanálise com crianças, como se sabe, divergia frontalmente da que vinha sendo desenvolvida por Melanie Klein.

Em Freud, o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo, compreende a internalização das proibições e das exigências parentais, e se constitui por volta dos 4-5 anos. A criança renuncia à satisfação de seus desejos edipianos atingidos pela proibição, abandona o objeto de amor e de desejo incestuoso e transforma seu investimento nos pais em identificação com esses pais. Desse modo, internaliza a proibição.

Klein observou que os pequenos pacientes neuróticos, de menos de 4 anos de idade, sofriam a influência de um supereu feroz, tirânico e implacável.

Em seu artigo “O ego e o id” (1923/1977a), Freud já havia descrito um supereu arcaico, cujo nascimento se deve à mais importante

identificação do indivíduo: a identificação com o pai da pré-história pessoal, isto é, com o pai-mãe indiferenciado de antes do reconhecimento da diferença entre os sexos, os pais combinados da cena primária, além dos quais perfila-se a figura do Pai da Horda Primitiva, aquele que goza de tudo. Essa identificação primordial é direta, imediata e mais precoce do que qualquer investimento objetal. A exigência incorporada aí é: “*tens que ser como o pai*”, como o Pai da Horda, “*tens que viver e gozar*”. O suporte direto dessa intimação é o corpo.

As escolhas objetais do primeiro período da sexualidade infantil, que dizem respeito ao pai e à mãe da relação edipiana, vêm reforçar a identificação primária, inversamente. O resultado é o supereu herdeiro do complexo de Édipo, que contraria a exigência do supereu arcaico dizendo: “*não tens o direito de ser como o pai, não tens o direito de fazer tudo o que ele faz, de gozar de tua mãe; tens que viver, mas em outro lugar*”. Assim, o supereu não se esgota no preceito de gozar, pois compreende também a interdição do objeto de gozo do pai.

Melanie Klein reconheceu o núcleo do supereu, ou o supereu arcaico, na incorporação do preceito de gozo produzida durante a fase oral canibalesca. Para Klein, a influência do supereu arcaico é a força incorporada que obriga imperativamente a criança a viver. Essa força devastadora é estrangulada no nível dos orifícios do corpo dos quais brotam as pulsões parciais orais, anais e uretrais. O sadismo que opera desde os primórdios da organização pré-genital instaura a fase oral canibalesca e a fase anal oblativa. O canibalismo e a oblatividade permitem falicizar o objeto oral ou anal, fazendo deles objetos do desejo.

Para Klein, o sadismo tem uma grande importância no início da constituição do eu. A intensidade do sadismo contra o exterior manifesta-se de três maneiras: pela angústia que dificulta a associação livre; pela crueldade da criança para com objetos ou pequenos animais; e pelas relações que a criança alimenta com *imagos fantásticas* excessivamente boas ou más. Assim, os bons e maus objetos internalizados

derivam do sadismo. As pulsões destrutivas e a deriva fantasística só amenizam quando a criança renuncia à mãe, ou seja, ao *seio* materno, batalha incessante que se inicia com o desmame.

Ao contrário de Anna Freud, que insistia no fato de que o supereu infantil ainda estaria sob a influência direta da educação parental, Melanie Klein sustenta que o supereu decorre de um começo de introjeção do pai proibidor. Em suma, Freud considerou o supereu advindo do declínio do complexo de Édipo, ao passo que Klein baseou seu raciocínio em um supereu arcaico, sugerido, no entanto, pelo próprio Freud. Lacan, por sua vez, retomou o essencial da questão do supereu freudiano ao elaborar seu conceito de gozo e, no que concerne ao supereu arcaico, ao formular a noção de gozo do Outro (Lacan, 1988; Nasio, 1995).

A precocidade dos estádios do conflito edipiano

Klein não pôs em dúvida a importância do complexo de Édipo nem sua definição de base, mas contestou a teoria freudiana em dois pontos: o corte entre os tempos arcaicos da mãe e os tempos edipianos do pai; o conhecimento do pênis como único órgão sexual, ou seja, a ignorância da vagina antes da adolescência. Para ela, o complexo de Édipo operava ao longo de toda a primeira infância, antes de culminar e se resolver, por ocasião do estágio genital – termo que preferiu manter em detrimento à denominação freudiana de estágio fálico –, entre 3 e 5 anos. Disso, decorre sua noção de *Édipo precoce* ou de *estádios precoces do complexo de Édipo*.

Para Klein, as tendências edipianas são liberadas em seguida à frustração do desmame, isto é, por volta dos 2-3 meses, e são reforçadas pelas frustrações anais e uretrais sofridas durante a aprendizagem da higiene. Culpa intensa e angústias persecutórias acompanham todo o período edipiano. A angústia e a culpa nascem, porém, das pulsões

destrutivas, não da iniciativa incestuosa edípiana. A culpa é um produto da formação do supereu e da incorporação.

O importante vínculo com a mãe introduz o menino e a menina na *fase de feminilidade*, que consiste numa identificação muito precoce com a mãe. Essa fase constitui a base da concepção original de Melanie Klein acerca do Édipo e da sexualidade masculina e feminina. O *menino* quer os órgãos da concepção, a vagina e os seios nutridores. Para ele, fezes, filho e pênis do pai se equivalem, e todos esses objetos estão dentro do ventre da mãe. Por desejar tais objetos, teme os mesmos ataques contra seu corpo. O medo da mãe se combina com o medo da castração pelo pai. Mas o que de fato o menino teme é o pênis do pai no interior do corpo da mãe. Ele supera essa ameaça de castração, deslocando seu ódio e sua angústia do pênis do pai para o corpo da mãe, que se torna, assim, uma mulher castradora. A mãe, portanto, é portadora e mediadora da castração pelo pai. Para Melanie Klein, esse deslocamento para o temor do pênis imaginário da mãe desempenha um importante papel na etiologia dos distúrbios mentais. A *fase de feminilidade* no menino se caracteriza, então, por uma angústia ligada ao ventre materno e ao pênis.

A *menina* afasta-se da mãe, primeiramente em consequência do desmame e da aprendizagem da higiene. Mas, quando as tendências genitais começam a agir, ocorre um duplo deslocamento: a libido oral desloca-se para o genital e a menina toma conhecimento da vagina; o objetivo receptivo dos órgãos genitais femininos faz com que a menina se volte para o pai. Reforçam esses deslocamentos a inveja e o ódio da mãe, que possui o pênis do pai e a privou dele. O medo de que a mãe se vingue dessa inveja leva a menina a se identificar com o pai. Medo (devido à inveja) e desejo marcam a relação da menina com sua mãe. Ela só ultrapassa essa posição ao se identificar com a mãe boa, que lhe deu o que pôde, e ao receber de um homem o que a mãe não pôde lhe dar. No modo kleiniano de conceber o Édipo, o lugar conferido à mãe é central.



Para que um discurso não seja só do semblante, para que tenha consequências, é necessário que o traço que materializa a presença do outro cumpra sua função significante. Ou seja, não somente que ele precipite um significado, mas que também se libidinize.

É na medida em que o clínico percebe esse delicado cinzel que vai da voz do outro ao sujeito que logrará interpretar qual é o ponto de resistência, singular em cada autista, entre a voz e o significante. Qual a janela pulsional na qual cada autista poderá encontrar um traço para ensaiar uma identificação primordial com o Outro.

Este livro, ora reeditado, tem um papel protagonista no empenho da psicanálise em devolver o autista ao campo da palavra, resgatando-o do lugar de transtorno mecânico de alguma função.

Alfredo Jerusalinsky

Psicanalista, membro da Associação Lacaniana Internacional
Doutor em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2102-9

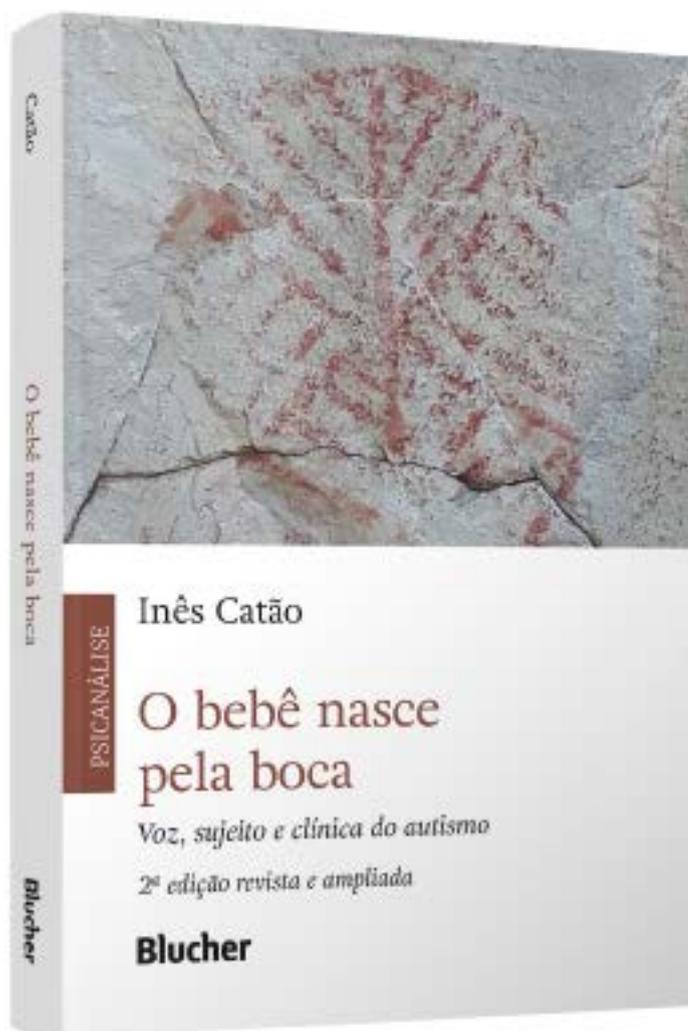


9 788521 221029



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O bebê nasce pela boca

Voz, sujeito e clínica do autismo

Inês Catão

ISBN: 9788521221029

Páginas: 320

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
